

Artigo original

QUEM DISSE QUE CHIKUNDA NÃO ERA LÍNGUA?

Estudo (socio-)linguístico preliminar de uma língua Bantu transfronteiriça minoritária

Rozzen Guerois 

*Centro Nacional de Pesquisa Científica, França
University of KwaZulu-Natal, South Africa*

RESUMO: O Chikunda é uma língua bantu classificada N42 por Guthrie (1971), e falada na junção de três países de África austral: Moçambique (Zumbo), Zâmbia (Luangwa) e Zimbabwe (Kanyemba), assim como no sul de Malawi nos distritos de Mwanza e Chikwawa. O grupo socio-cultural chikunda mereceu muita atenção dos historiadores devido à sua função como soldados escravizados durante o sistema de “prazos” na era colonial de Moçambique. A partir de uma identidade social comum, surgiu uma identidade étnica que envolveu a criação de um idioma, o Chikunda, resultante da mistura de dialetos e idiomas intra-bantu. A história incomum dos Chikunda levanta questões fascinantes do ponto de vista linguístico, com possíveis repercussões importantes para a narrativa histórica dessa comunidade. O presente artigo apresenta os resultados preliminares do projeto *OriKunda: On the origins of Chikunda, “a language without a land”* (Abril 2023-Março 2027, ANR-22-CE54-0009, França), liderado por Rozenn Guérois (LLACAN, CNRS França), cujo objetivo é revisar a história singular do grupo socio-cultural e da língua chikunda, desde sua gênese até aos dias atuais, por meio da linguística histórica, da linguística antropológica e da sociolinguística. Com base em pesquisas recentes de trabalho de campo, o presente artigo descreve elementos sociolinguísticos e linguísticos preliminares do Chikunda.

Palavras-chave: Chikunda, língua bantu, linguística histórica, linguística descritiva, sociolinguística.

WHO SAID CHIKUNDA WAS NOT A LANGUAGE?

Preliminary (socio-)linguistic study of a cross-border minority Bantu language

ABSTRACT: Chikunda is a Bantu language classified N42 by Guthrie (1971), and spoken at the junction of three southern African countries: Mozambique (Zumbo), Zambia (Luangwa) and Zimbabwe (Kanyemba), as well as in southern Malawi in the districts of Mwanza and Chikwawa. The Chikunda socio-cultural group has received much attention from historians due to their function of slave soldiers during the “prazo” system in colonial Mozambique. From a common social identity, an ethnic identity emerged that involved the creation of a language, Chikunda, resulting from the mixture of dialects and intra-Bantu languages. The unusual history of the Chikunda raises fascinating questions from a linguistic point of view, with possible important repercussions for the historical narrative of this community. This article presents the preliminary results of the project *OriKunda: On the origins of Chikunda, “a language without a land”* (April 2023-March 2027, French ANR-22-CE54-0009), led by Rozenn Guérois (CNRS LLACAN), whose objective is to review the unique history of the socio-cultural group and the Chikunda language, from its genesis to the present day, through historical linguistics, anthropological linguistics and sociolinguistics. Based on recent fieldwork surveys, the present article describes preliminary sociolinguistic and linguistic elements of Chikunda.

Keywords: Chikunda, Bantu language, historical linguistics, descriptive linguistics, sociolinguistics.

Correspondência para: (correspondence to:) rozenn.guerois@cnrs.fr

INTRODUÇÃO

O Chikunda (/tʃikunda/) é uma língua bantu falada na junção de três países de África austral: Moçambique (Zumbo), Zâmbia (Luangwa) e Zimbabwe (Kanyemba), assim como no sul de Malawi, nos distritos de Mwanza e Chikwawa. Classificado N42 por Guthrie (1971), seguido por Maho (2009), o Chikunda pertence ao grupo bantu N40 “Nsenga-Sena”, junto ao Nsenga (N41), Nyungwe (N43), Sena (N44), e Barwe (N45).

O grupo socio-cultural chikunda mereceu muita atenção por parte dos historiadores. Em particular, Isaacman & Isaacman (2004) redigiram uma grande monografia narrando o processo de criação dos “achikunda”. Esse interesse surgiu pelo caráter excepcional da história desse grupo étnico. Originalmente, os Chikunda eram soldados escravos de línguas bantu de diferentes comunidades, que defendiam os territórios dos “prazos” na região central de Moçambique durante a era colonial. A partir de uma identidade social comum, surgiu uma identidade étnica que envolveu a criação de um idioma, o Chikunda, resultante da mistura de dialetos e idiomas intra-bantu. Com o colapso do sistema de prazo no século XIX e a emancipação dos escravos, os Chikunda retiraram-se para o oeste, para a confluência dos rios Zambeze e Luangwa, que hoje corresponde à área de fronteira entre Zâmbia, Moçambique e Zimbábue. Até hoje, as fontes disponíveis sobre os Chikunda são meramente históricas. Entretanto, a história incomum dos Chikunda levanta questões fascinantes do ponto de vista linguístico, com possíveis repercussões importantes para a narrativa histórica dessa comunidade.

Assim foi lançado o projeto *OriKunda: On the origins of Chikunda, “a language without a land”* (Abril 2023-Março 2027, ANR-22-CE54-0009, França), liderado por Rozenn Guérois (CNRS LLACAN), cujo objetivo é de revisar a história singular do grupo socio-cultural e da língua chikunda, desde sua gênese até aos dias atuais, por meio da linguística histórica, da linguística antropológica e da sociolinguística. Após um primeiro estudo de campo realizado entre Julho e Setembro de 2023, em quatro localidades – Kanyemba (Zimbabwe), Bawa e Zumbu (Moçambique) e Luangwa (Zâmbia) – chegamos a alguns resultados preliminares sobre a situação sociolinguística da língua chikunda, bem como sobre fenómenos de variação linguística entre as variantes chikunda faladas em cada país.

O presente artigo apresenta brevemente o projeto OriKunda e mostra os primeiros resultados das análises sociolinguística e linguística. O artigo é dividido em duas partes. A primeira apresenta as motivações e o interesse do projeto OriKunda, enquanto a segunda descreve elementos sociolinguísticos e linguísticos preliminares, resgatados no campo, entre Agosto e Setembro de 2023.

O projeto OriKunda

Background histórico

Originalmente, os Chikunda formavam as tropas de soldados escravos que trabalhavam para os prazeiros, ou seja, os proprietários dos prazos¹ ao longo do baixo rio Zambeze, na região central de Moçambique (área azul no mapa abaixo). Esses soldados escravos tinham a tarefa de cobrar impostos locais, manter a ordem nos prazos e protegê-los de possíveis ameaças externas. Eles também participavam da produção de riqueza por meio da caça e do comércio. Esses soldados escravos geralmente vinham de áreas geográficas distantes, ao norte do rio Zambeze. Um

descendente de uma família de prazeiros indica: “No início, os Kunda não eram uma tribo. Eles eram uma mistura de pessoas que vieram de longe”ⁱⁱ. Ligados por seu destino de guerreiros e caçadores, esses escravos gradualmente forjaram uma nova identidade, baseada nos valores de coragem e disciplina militar, uma identidade marcada por práticas e crenças que os distinguiam das populações camponesas indígenas. Tornaram-se os Chikunda, ou seja, os conquistadores. O termo *chikunda* vem do verbo shona *kukunda*, que significa ‘superar’ (ISAACMAN e PETERSON, 2003, p. 268). A primeira referência explícita aos Chikunda data do século XVIII (Newitt 1973). Seu número é estimado em 50.000, em meados do século XVIII (ISAACMAN e PETERSON, 2003, p. 260).

Dessa nova identidade, nasceu o Chikunda, “uma língua sem terra [...] uma mistura de Atawara, Azimba, Makanga, Quelimane, Atonga e Barue”ⁱⁱⁱ, ou seja, diferentes línguas bantu faladas no centro de Moçambique, mas supostamente com uma base predominante de Sena, outra língua bantu, falada na área dos prazos. Com o colapso do sistema de prazos no século XIX e a emancipação dos escravos, os Chikunda tiveram que repensar sua identidade. Alguns retornaram à sua terra natal, outros ficaram e se misturaram às populações locais senafonas, localizadas na margem sul do baixo Zambeze. Em ambos os casos, eles renunciaram à sua identidade chikunda. No entanto, um grupo de ex-escravos chikunda preservou sua identidade e aproveitou a instabilidade política da época para se dedicar à conquista territorial. Mesmo assim, terminaram sendo derrotados pelo exército colonial português. Após essa derrota, os Chikunda retiraram-se para o oeste, numa região remota, na confluência entre os rios Zambeze e Luangwa, que hoje corresponde à área de fronteira entre Zâmbia, Moçambique e Zimbabwe (em verde no mapa, Figura 1).

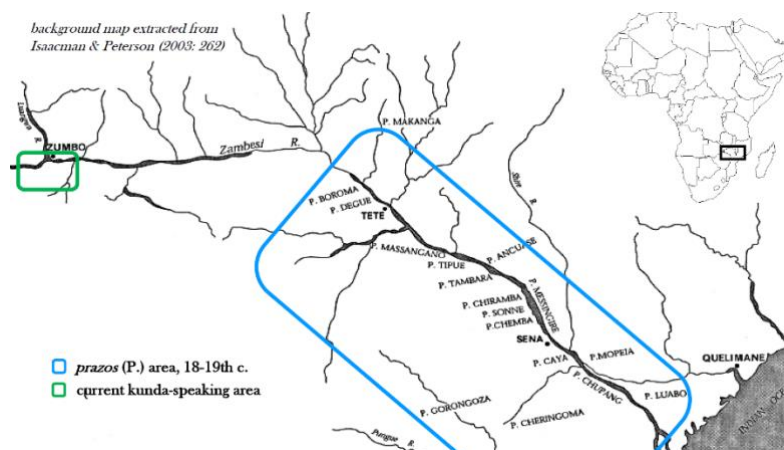


FIGURA 1: Mapa mostrando à área de fronteira entre Zâmbia, Moçambique e Zimbabwe

Até ao momento, os estudos sobre os Chikunda são principalmente históricos (ISAACMAN, 1972; ISAACMAN e PETERSON, 2003; ISAACMAN e ISAACMAN, 2004 e, em menor escala, NEWITT, 1973; 1994; 2018 e CAHEN, 2018). Baseado na literatura existente, Alikuleti (2021) recentemente propôs um relatório histórico e etnográfico sobre os Chikunda. Na área de linguística, o único trabalho científico sobre o Chikunda como idioma constitui em um pequeno dicionário escrito por Laws (1880). Desde então, nunca mais o idioma foi objeto de um estudo linguístico adequado. Notavelmente, Zemba (2015) produziu recentemente um esboço gramatical de uma língua bantu chamada Kunda, falada na província oriental da Zâmbia (no distrito de Mambwe, a oeste de Chipata). A semelhança de nomes levou Guthrie e outros a

confundir esse idioma com o Chikunda falado na confluência Luangwa-Zambezi. Por isso, Zemba erroneamente relaciona o Kunda do leste do Zambeze com o Chikunda falado na confluência dos rios anteriormente referidos. No entanto, o primeiro é classificado como uma variante do Nsenga N41 (HAMMARSTRÖM, 2019), o qual tem mais a ver com o grupo bemba M40, segundo Jeffrey Wills (comunicação pessoal). Isso resume-se a dizer que o Chikunda falado na fronteira entre Zâmbia, Zimbabwe e Moçambique é uma daquelas línguas bantu para a qual não temos nenhum relato descritivo disponível, nem mesmo um léxico atualizado. Ao fornecer uma análise gramatical e lexical baseada em corpus, o projeto OriKunda visa preencher essa lacuna linguística e fornecer novos dados linguísticos para a comunidade bantuísta e tipológica.

O interesse linguístico

A história singular do grupo chikunda e de seu idioma levanta três grandes questões fascinantes, que se enquadram em três subdisciplinas da linguística cujas abordagens são complementares, designadamente, a linguística histórica, a linguística antropológica e a sociolinguística variacionista.

Componente linguístico histórico

Qual é a gênese do idioma chikunda? De acordo com a etnogênese descrita por Isaacman (1972), Isaacman e Peterson (2003) e Isaacman e Isaacman (2004), a língua chikunda parece ter-se originado de várias línguas bantu faladas em ambos os lados do baixo rio Zambeze. Mais especificamente, Isaacman e Peterson (2003, p. 269–270) sugerem que ela “se baseou em um número substancial de cognatos introduzidos por escravos do norte, juntamente com termos chi-Sena, chi-Tonga e chi-Tawara, emprestados dos camponeses que viviam nos prazos”^{iv}, embora afirmem que uma análise linguística histórica detalhada continua sendo um desejo. Maho (2009) relaciona o Chikunda às línguas Nsenga-Sena (grupo referido com o código alfanumérico N40 na classificação referencial de Guthrie (1971) das línguas bantu), o que sugere uma base linguística predominante. Neste estágio, somente uma análise gramatical permitirá identificar semelhanças linguísticas e testar a hipótese de um substrato Nsenga-Sena do Chikunda. O projeto OriKunda, portanto, tem como primeira tarefa a produção de uma análise gramatical minuciosa do idioma.

Além da contribuição sincrônica para a linguística descritiva e tipológica, essa análise gramatical permitirá fornecer uma identidade linguística mais precisa do Chikunda, aplicando o método comparativo específico da linguística histórica (cf. LASS, 1997; HALE, 2007; WEISS, 2014, entre outros). Compararemos o léxico, a morfologia e a sintaxe do Chikunda com as línguas bantu circundantes, com o objetivo final de (i) identificar palavras e estruturas cognatas e reconstruir fonemas, itens lexicais e morfológicos e até mesmo (sempre que possível) características sintáticas dessas línguas; (ii) verificar a existência de um substrato Nsenga-Sena; (iii) determinar quais outras influências linguísticas participaram da formação do Chikunda; e (iv) verificar se o Chikunda pode ser localizado nas classificações filogenéticas existentes das línguas bantu (GROLLEMUND *et al.*, 2015; KOILE *et al.*, 2022).

A questão da formação do Chikunda é ainda mais interessante porque não se trata apenas de um pidgin que evoluiu para um idioma completo, mas de uma espécie de crioulo bantu baseado lexicalmente no bantu, ou seja, um caso peculiar de crioulo que combina idiomas tipologicamente semelhantes e geneticamente relacionados. A natureza heterogênea do Chikunda, que envolve

questões de contacto entre línguas estreitamente relacionadas, complica qualquer tentativa de reconstruir sua genealogia, mas representa um estudo de caso fascinante para a linguística de contacto, que, sem dúvida, alimentará as questões atuais nesse campo de pesquisa (ABOH, 2015; MUFWENE, 2001; 2008; 2015).

Componente antropon-linguístico

O que o vocabulário cultural do Chikunda nos diz sobre a história do Chikunda? Até que ponto a história chikunda se reflete em seu vocabulário cultural? O componente antropon-linguístico do projeto OriKunda propõe analisar o vocabulário cultural chikunda e compará-lo com outras línguas, para verificar sua distribuição e a (possível) evolução de seu significado. O estudo de vocabulários culturais pode ter um enorme significado em termos históricos. Mais especificamente, o estudo linguístico comparativo de um campo lexical específico de grande proeminência histórica pode gerar *insights* úteis sobre o início da história de áreas sem registos escritos antigos e ajudar a responder a perguntas importantes sobre a disseminação e os movimentos de populações.

O estudo da história africana por meio de evidências etnológicas resultou no método “palavras e coisas” (do alemão ‘Wörter und Sachen’, cf. MALKIEL, 1993), que se baseia tanto no método comparativo quanto na semântica diacrônica. A ideia subjacente é que os principais domínios da atividade e organização humanas têm um vocabulário dedicado, que é historicamente significativo quando compartilhado com outros idiomas. O vocabulário compartilhado é considerado uma evidência de história compartilhada. Além da pura coincidência e das evoluções convergentes independentes, esse vocabulário compartilhado pode-se originar basicamente de duas fontes distintas: podem ser palavras emprestadas, quando um idioma toma emprestado do outro (ou ambos de um terceiro idioma), ou palavras herdadas, quando ambos os idiomas herdam uma palavra de um idioma ancestral comum. No primeiro caso, o empréstimo lexical sugere contacto entre comunidades de fala. No caso de herança compartilhada, o vocabulário em questão pode ser reconstruído em sua língua ancestral, ou seja, uma proto-língua, que permanece hipotética, já que não é conhecida pelos registos históricos. No entanto, a reconstrução do vocabulário em uma proto-língua permite que se faça uma hipótese sobre a cultura de seus falantes. Isso foi demonstrado em vários estudos conduzidos por alguns historiadores da África (veja, por exemplo, EHRET, 1967; SCHOENBRUN, 1998; VANSINA, 1990), bem como por linguistas (MÖHLIG, ROTTLAND e HEINE, 1977; HEINE, 1984; PHILIPPSON, 1984; PHILIPPSON e BAHUCHET, 1996; BOSTOEN, 2005; RICQUIER e BOSTOEN, 2010).

Além de uma análise cuidadosa dos arquivos históricos, Allen Isaacman pôde elaborar uma historiografia completa do grupo chikunda, baseando-se fortemente em dados de primeira mão, coletados em campo no último quarto do século XX, o que inclui muitos testemunhos dos descendentes dos Chikunda. Tanto Isaacman e Peterson (2003) quanto Isaacman e Isaacman (2004), destacam a importância da guerra e da caça em muitos aspetos da cultura chikunda. Os soldados escravos chikunda desenvolveram comportamentos e crenças compartilhados, bem como um rico repertório de rituais e práticas que faziam a coragem, a lealdade e a disciplina militar parecerem virtuosas, e celebravam suas proezas como guerreiros e caçadores. Eles criaram novos padrões de veneração aos ancestrais, dignificando os espíritos de leão locais (*mphondoro*), como referência a seus predecessores que morreram nos prazos. Eles também costumavam realizar

danças heróicas para celebrar sucessos militares ou retornos de expedições de caça, algumas das quais permaneceram no “folclore” chikunda: até hoje, as manifestações populares periodicamente reprisam, na forma de um show, o desenrolar de eventos significativos do grupo chikunda, inscritos na memória coletiva.

A guerra e a caça estão relacionadas a muitos aspectos da organização social quotidiana, envolvendo redes de troca de bens e pessoas, padrões de produção e consumo, estruturas sociopolíticas, mas também sistemas de pensamento. Sabemos por Isaacman e Isaacman (2004) que os soldados chikunda desprezavam a agricultura, uma atividade reservada às mulheres. Além disso, a sociedade chikunda era altamente masculinista e passou rapidamente de um sistema de linhagem matrilinear (transmitido pelas sociedades do Zambeze Norte) para um sistema patrilinear. Em termos estéticos, os soldados chikunda tinham um conjunto exclusivo de tatuagens faciais, chamadas *makaju*, que se desenvolveram na guerra como um símbolo de seu status de guerreiro superior. Nas moradias, as comunidades chikunda estabeleceram-se deliberadamente à parte da população camponesa local e viviam em aldeias militares distintas, chamadas *butaka*, estrategicamente localizadas ao longo dos prazos. Cada *butaka* respeitava uma hierarquia política definida, no topo da qual governava o *mukazambo*, ou seja, o chefe escravo.

Todos esses aspectos sociais e antropológicos podem ser reconstruídos por meio de uma análise cuidadosa de itens lexicais dedicados em nível linguístico, semântico e geográfico. A comparação desses lexemas atuais do Chikunda com os das línguas vizinhas possibilitará (i) mapear sua distribuição geográfica; (ii) reconstituir mudanças semânticas historicamente cruciais (mais voláteis do que as mudanças fonéticas); (iii) reconstruir o vocabulário cultural em diferentes estágios de profundidade cronológica; e (iv) reconstituir as redes de difusão lexical em uma área geográfica contínua contendo idiomas bantu de diferentes sub-ramos.

Componente sociolinguístico variacionista

Como os falantes de Chikunda falam efetivamente? Como o idioma é usado no espaço e no tempo? Existem diversas variedades ou dialetos do Chikunda? Em caso afirmativo, como eles se diferenciam uns dos outros? Essas perguntas são ainda mais interessantes na área chikundafone, pois a atual situação geográfica do idioma em quatro países constitui uma variável adicional, que levanta uma série de questões: Qual foi o grau de porosidade entre as fronteiras estabelecidas entre esses países vizinhos ao longo do século passado? E hoje? Podemos falar de quatro variedades diferentes do mesmo idioma? Em caso afirmativo, até que ponto essas quatro variedades chikunda transfronteiriças ainda estão em contacto e como cada uma delas interage com outras línguas bantu em cada país? Existem mais variedades chikunda? Qual é o grau de vitalidade de cada variedade? E qual é o lugar das línguas ditas “majoritárias” (português e inglês) na vida quotidiana das comunidades chikunda? Quais são os efeitos do contato linguístico na dinâmica sociolinguística das variedades chikunda?

Todas essas perguntas são importantes porque nos convidam a avaliar: 1) como a língua evoluiu em cada um dos três países onde é falada; 2) como a língua é usada na vida quotidiana, as práticas linguísticas, sua transmissão intergeracional, as políticas linguísticas de cada país; 3) como o sentimento de unidade das comunidades chikunda evoluiu ao longo do tempo.

O projeto OriKunda tenciona estudar essa questão da variação linguística nas variedades chikunda existentes, e examinar como essa variação é estruturada. Uma análise comparativa da dinâmica interna de cada variedade será fornecida, bem como os fatores de influência específicos de cada país que levam a essa variação intraletal. Esta pesquisa envolve um estudo de variáveis linguísticas que lidam com todos os níveis da linguagem e da análise linguística: fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, até mesmo pragmática e discurso. As variáveis extralinguísticas tratam de conceitos macrosociológicos, como classe, sexo e gênero, registro e estilo, bem como estudos que tratam de questões como variação regional, urbanização e mobilidade, padronização e redes sociais. Esses aspectos sociolinguísticos serão avaliados à luz dos trabalhos de Labov (1994; 2001; 2010), Chambers *et al.* (2002), Simonin e Warthon (2013), Patriarca *et al.* (2020), entre outros. Essas variáveis intra e extralinguísticas são vistas como dois grupos de fatores que não são independentes e mutuamente exclusivos, mas que se complementam e, portanto, não devem ser estudadas isoladamente.

METODOLOGIA

Coleta de dados no campo

Um primeiro trabalho de campo foi efetuado entre Agosto e Setembro de 2023 pela autora do presente artigo, enquanto portadora do projeto OriKunda. Além de estabelecer uma rede de contactos em cada um dos países visitados (Zimbabwe, Moçambique e Zâmbia), tanto ao nível das várias administrações e instituições (universidades, institutos de idiomas, etc.) quanto das comunidades chikundafones, o objetivo para esse primeiro trabalho de campo *in situ* era registar e transcrever um máximo de dados linguísticos, necessários não só para produzir uma análise gramatical do idioma, mas também para o estudo comparativo. Mais particularmente, a coleta de dados linguísticos foi realizada em Kanyemba (Zimbabwe), Bawa e Zumbo (Moçambique), e Luangwa (Zâmbia), ou seja, no centro da confluência Luangwa-Zambezi, que corresponde à zona verde no mapa acima. Por razões logísticas e por limites de tempo, não se conseguiu visitar neste primeiro campo as comunidades chikunda de Malawi. Por consequência, os resultados apresentados nas próximas secções não consideram a variedade chikunda proveniente de Malawi.

Um corpus linguístico foi elaborado para cada variedade de Chikunda, de acordo com os princípios da gramática incorporada na abordagem de documentação de dados (Thieberger 2009). Para cada uma das variantes-alvo foram produzidas gravações de áudio (e, na medida do possível, vídeo) de narrações, entrevistas, conversas, etc. O foco foi dado a materiais de importância histórica e cultural. Uma lista substancial de itens lexicais também foi registada para criar um dicionário multilectal e estabelecer julgamentos de cogação com dados lexicais de idiomas vizinhos no âmbito do estudo comparativo-histórico.

Em cada uma das localidades chikundafone visitada foi identificado um(a) consultor(a) principal que ajudou não apenas com a coleta de dados, mas também com o trabalhoso e demorado trabalho de transcrição e anotação. As sessões de trabalho eram realizadas quase diariamente. Como o Chikunda é um idioma praticamente não descrito, a coleta de dados consistiu principalmente em elicitación, especialmente neste estágio inicial. Na elicitación, aos falantes foram apresentadas palavras com o máximo de detalhes e contexto possível para garantir que os dados fossem o mais próximo possível da fala natural. Com esse método, um total de aproximadamente 800 sentenças elicítadas foram coletadas, transcritas e traduzidas.

Além da elicitación, foram coletados dados de fala natural na forma de histórias e de conversações ou diálogos. No total, foram transcritas e traduzidas (em inglês ou português) no lugar 4 horas e 20 minutos. Todos os dados apresentados neste artigo são provenientes desse conjunto de gravações feitas durante esse primeiro campo. Para a elaboração do presente artigo, cinco gravações foram consultadas, totalizando cerca de 52 minutos de áudio. Três delas são conversações gravadas em Zumbo, Moçambique, uma outra conversação provém de Luangwa, Zâmbia, e o último arquivo, proveniente de Kanyemba, Zimbabwe, constitui uma história narrada. Trata-se das gravações pelas quais o trabalho metódico de anotação morfológica foi conduzido durante os meses que separam o fim da coleta de dados e a redação do presente trabalho.

O Chikunda é, em sua maior parte, uma língua oral, mas o aumento do uso de telefones celulares criou a necessidade de os falantes usarem-na na escrita. O Chikunda é geralmente escrito com uma ortografia inspirada nas principais línguas bantu faladas em cada país. Isso não deixa de levantar problemas, pois certas convenções ortográficas que são comuns em um país não são bem conhecidas em outro. Esse é o caso do som africado alveolar [tʃ], grafado como <ch> tanto na Zâmbia quanto no Zimbabwe, mas como <c> em Moçambique.

RESULTADOS

Esta secção descreve brevemente os primeiros resultados, um ano após o primeiro trabalho de campo. Examinam-se alguns aspetos sociolinguísticos e, descrevem-se as propriedades fonológicas e morfológicas mais importantes do Chikunda.

Aspetos sociolinguísticos

Perfil sociolinguístico

O Chikunda é falado na fronteira entre Zâmbia, Zimbabwe e Moçambique, três países que são geograficamente divididos pelos rios Zambeze e Luangwa. Na Zâmbia, a área de língua chikunda está concentrada no extremo sudoeste da província de Lusaka, na área de Luangwa. No Zimbabwe, o Chikunda é falado numa aldeia chamada Kanyemba,^v localizada no extremo norte da província de Mashonaland Central. Em Moçambique, o Chikunda é falado no extremo oeste da província de Tete, na área ao redor da aldeia de Zumbo, estendendo-se ao norte até às aldeias de Nyavhunduka e Ntunda; a oeste, até à aldeia de Chinthibo; a leste, até à aldeia de Chantanda; e ao sul, até às aldeias de Bawa e Kamwito.

A área onde o Chikunda é falado é uma área de diversidade linguística. Na Zâmbia, o Chikunda é cercado pelo Nsenga; ao norte é interpenetrado pelo Nyanja. No Zimbabwe, a área chikundafone faz fronteira com diferentes variedades de Shona, incluindo o Doma e o Korekore. Em Moçambique, o Chikunda da margem sul está em contacto com duas variedades shona, isto é, Korekore e Tawara; à margem norte, fica o Nsenga e à margem leste o Nyungwe. De facto, as áreas chikundafones raramente são monolíngues, sobretudo na Zâmbia e no Zimbabwe. Embora os falantes de Chikunda zambianos e zimbabwianos formem uma clara maioria, as aldeias chikundafones de cada país são intercaladas com pelo menos mais uma língua: o Nyanja na Zâmbia, e o Shona no Zimbabwe. O Nyanja e o Shona são dois outros idiomas bantu, não diretamente relacionados ao Chikunda, mas representam idiomas dominantes no resto das províncias de Lusaka e de Mashonaland Central, respetivamente, e, portanto, línguas de contacto. Esses dois idiomas foram reconhecidos como línguas nacionais de cada país. No Zimbabwe, o

Shona está entre os maiores idiomas do país, tanto em termos de falantes do primeiro quanto do segundo idioma.

É difícil determinar o número de falantes de Chikunda. Os dados do censo nacional são muito amplos. Em 2000, o Ethnologue menciona 43.800 falantes na Zâmbia, 145.000 no Zimbabwe e 5000 em Moçambique. As estimativas de falantes de Chikunda como segunda língua são ainda mais difíceis, embora tenhamos observado durante nosso trabalho de campo vários casos em que adultos que se mudaram para a área de língua chikunda, por motivos de trabalho ou familiares, aprenderam o Chikunda como segunda língua. A aquisição do Chikunda como segundo idioma também pode ser motivada pelo casamento.

Os falantes de Chikunda autodenominam-se *a-chikunda*, onde *a-* é um prefixo da classe de substantivos 2, indicando de forma geral o plural humano. Designam o seu idioma *chi-chikunda*, com o prefixo de classe 7 *chi-* comumente usado para indicar nomes de idiomas. A conexão entre a designação étnica *achikunda* e o uso do idioma *chichikunda* é direta, o que significa que um membro da comunidade chikunda, por padrão, fala Chikunda.

Vitalidade do idioma

O número de falantes de Chikunda é pequeno, e a comunidade de falantes deste idioma é ainda mais prejudicada pelas fronteiras nacionais que a atravessam. Em nenhum dos três países, o Chikunda tem um verdadeiro apoio ou reconhecimento institucional. Na Zâmbia, o Chikunda está sob pressão do Nyanja, um dos idiomas nacionais da Zâmbia que, na província de Lusaka, é usado na educação, nos primeiros anos de escolaridade (antes de passar para o inglês), assim como em outros domínios formais. No Zimbabwe, o Chikunda está sob pressão do Shona, também usado em contextos formais e como meio de instrução dos jovens alunos. Muitos falantes de Chikunda nesses dois países têm pelo menos um conhecimento passivo de Nyanja e Shona, respectivamente. A questão do multilinguismo na área chikundafone de Moçambique é um pouco diferente. O contacto com outras línguas bantu vizinhas (Nsenga no norte e Shona no sul) parece menos importante no dia-a-dia. A maioria das pessoas só se comunicam em Chikunda, e não é raro encontrar falantes que se dizem monolíngues. Isso não quer dizer que o Nsenga e o Shona não sejam mutuamente inteligíveis com os Chikunda Moçambicanos, mas de forma passiva. Outra observação interessante: em Moçambique, os migrantes de zonas vizinhas que se mudam para as áreas de língua chikunda aprendem esta língua como segundo idioma. Esse não é o caso dos falantes nyanja na Zâmbia e dos falantes shona no Zimbabwe, que tendem a impor as suas línguas, partindo do princípio de que a maioria das pessoas chikunda não-de entender.

Em relação ao inglês (Zâmbia e Zimbabwe) e o português (Moçambique), ambos usados na administração e na educação, são idiomas entendidos e falados por uma minoria das populações que encontramos no campo. É particularmente verdadeiro para uma grande parte das mulheres que, por diversas razões, não receberam uma instrução seguida e completa na escola.

Um estudo sociolinguístico mais dedicado seria preciso, mas os diversos fatores apresentados acima tendem a indicar que a posição do Chikunda é mais forte em Moçambique do que na Zâmbia e no Zimbabwe. No entanto, considerando o uso real, as crianças das áreas chikundafones começam a vida com o Chikunda como primeiro e único idioma, e só começam a aprender um segundo idioma quando entram na escola. Os falantes de Chikunda usam o seu idioma

on-line, no Facebook e no WhatsApp, e em SMS. Existe música popular em Chikunda, bem como programas da rádio neste idioma. Por outro lado, no Zimbábue, uma tradução da Bíblia está em preparação. Parece haver um uso estável do Chikunda em todos os domínios sociais, com exceção da educação formal.

Variação regional

Embora ainda seja prematuro apresentar conclusões sólidas sobre a variação regional em Chikunda, algumas observações podem ser feitas. Uma divisão óbvia, tanto oferecida pelos falantes consultados quanto observada nos dados, é aquela entre os três países. As diferenças são visíveis principalmente no léxico. Como pode ser visto na Tabela 1, na maioria dos casos, a diferença nota-se no Chikunda zimbabweano, cujo léxico é fortemente influenciado pelo Shona. Assim, os itens em *itálico* na primeira coluna provêm do Shona.

TABELA 1: Variação lexical entre o Chikunda falado em Zimbábue, Moçambique e Zâmbia

Chikunda de Zimbábue	Chikunda de Moçambique	Chikunda de Zâmbia	Português
<i>zamu</i>	tsuku	tsuku	‘seio’
<i>cikumo</i>	cara	cara	‘dedo’
<i>ibvi</i>	bondó	bondó	‘joelho’
<i>citaka</i>	ciropa	ciropa	‘figado’
kuthupa	kupsipa	kupsipa	‘cuspir’
kunangara	kuyangana	kuyangana	‘olhar’
kubaguja	kunyanca	kunya(n)ca	‘nadar’
<i>hombarume</i>	nsodzi	nsodzi	‘caçador’
kunamiza	kutayisa	kunamiza	‘enganar’
<i>kuvara</i>	kufunga	kufunga	‘fechar’
<i>nyora</i>	nembo	nembo	‘escarificação’
<i>mdende</i>	nkombo	nkombo	‘cabaça’

Também existem diferenças morfológicas entre as três variedades. Um caso ilustrativo tem a ver com a expressão do presente progressivo, exprimido pelo prefixo infinitivo *ku-* nas variedades moçambicana (1) e zimbabweana (2), mas *ṛku-* na variedade zambiana (3), que, portanto, se destaca. A nasal *ṛ-* que precede *ku-* nesta variedade representa certamente o prefixo locativo de classe 18 para exprimir a idéia de estar ‘dentro’ do ato de fazer algo, daí uma interpretação progressiva. Nota em (2) que o uso do prefixo sujeito *a-* e do tema possessivo *awo*, ambos da classe 2 (plural), refere-se a uma única pessoa. De fato, em Chikunda, a classe 2 é frequentemente empregada como forma de respeito.

- (1) *akubára pómwé, akupháta pómw’ azukúru* (kdn.moz_conv8#26)
a-**ku**-bara pomwe a-**ku**-phata pomwe a-zukuru
PS2-PRS.PROG-dar.à.luz também PS2-PRS.PROG-pegar também 2-neto
‘Estão a dar à luz também; também estão a pegar netos.’
- (2) *akuóna kabadza káwó múrí:be* (kdn.zim_mon13#4)
a-**ku**-ona ka-ḡadza kawo mu-ri=ḡe
PS2-PRS.PROG-ver 12-5.enxada 12.POSS2 PS18-be=NEG
‘Está a ver que a sua enxada não está.’

(3) *bziṅkudzóngeka*., *bziṅkudzóngékeratu* (kdn.zam_conv1#73)

bzi-ṅku-dzong-ek-a bzi-ṅku-dzong-ek-er-a=tu

PS8-PRS.PROG-destruir-NTR-VF PS8-PRS.PROG-destruir-NTR-APL-VF=ENF

‘Estão a se perder, estão a se perder de vez.’

Ao contrário do presente progressivo, o presente simples não apresenta diferenças na medida em que as três variedades de Chikunda examinadas aqui usam invariavelmente o prefixo *ni-*. No entanto, um facto interessante observado de novo no Chikunda zambiano é a possível ausência desse marcador do presente, particularmente em discurso espontâneo, como mostrado nos exemplos (4) e (5). Os motivos dessa ausência ainda não estão esclarecidos, mas vale a pena observar que o tempo verbal presente também não é marcado em Chewa (KISO, 2012, p. 88).

(4) *muténgá*: *ṁperé:ra* (kdn.zam_conv01#24)

mu-tenga ṁperera

PS2PL-receber 9.mingau

‘Você recebe mingau.’

(5) *muóna nínga umóyo kareká:re ukhári ḃwinó:* (kdn.zam_conv01_#90)

mu-ona nínga u-moyo kare-kare u-kha-ri ḃwino

PS2PL-ver como 14-vida antigamente-RED PS14-PAS.IPFV-ser bom

‘Você vê como se a vida antigamente fosse boa.’

Percepção

A percepção inclui a questão das representações e dos discursos tidos pelos próprios Chikunda e pelos “outros”, i.e. pelas pessoas que se designam como pertencendo a um outro grupo étnico e linguístico. Um tal estudo requer investigação em sítio mais prolongado e baseado em uma metodologia específica. Uma primeira impressão geral é que os falantes chikunda que entrevistei tendem a ter uma atitude positiva em relação ao idioma deles. Para eles, falar Chikunda é considerado uma parte importante da sua identidade. A maior crítica que pude testemunhar vem de dois homens moçambicanos não-chikunda: um deles é falante nyungwe, proveniente de Tete, e instalado em Bawa há alguns anos; o outro é falante nsenga, instalado em Zumbu por causa do trabalho. Os dois consideram que o Chikunda não é um idioma próprio, mas sim “uma mistura” de vários idiomas. É interessante notar que esse carácter misto é visto como suficiente para desconsiderar o Chikunda como idioma. Conforme observado acima, seria útil um estudo extenso, abordado em nível individual e de grupo, para perceber até que ponto as percepções diferem entre os falantes nativos e não nativos e para identificar os motivos subjacentes.

Aspetos linguísticos

Esta subsecção fornece um esboço da fonologia e da morfologia do Chikunda, com base nos dados coletados em campo e nas primeiras análises que resultaram disso. Nesta etapa inicial do projeto, a análise ainda é básica e são necessárias mais pesquisas para chegar a uma descrição mais detalhada.

Fonologia

Consoantes

O Chikunda tem em seu inventário fonológico 45 consoantes, classificadas na Tabela 2.

TABELA 2: As consoantes em Chikunda

	bilabial	labio-dental	alveolar	palatal	velar
oclusiva	p b		t d		k g
oclusiva aspirada	p ^h		t ^h		k ^h
implosiva	ɓ		ɗ		
nasal	m		n	ɲ	ŋ
prenasalizada	mb		nd nz		ŋg
prenasal. aspirada	mp ^h		nt ^h		ŋk ^h
fricativa		f v	s z		
fricativa assobiada			ʃ nʃ ʒ ɳ		
africada	pf bv		ts dz	tʃ dʒ	
africada prenasal.	mpf mbv		nts ndz	ntʃ ndʒ	
flap			ɾ		
aproximante	w			y	

A função contrastiva da aspiração nas oclusivas surdas bilabiais, alveolares e velares é demonstrada, respectivamente, pelos seguintes pares mínimos ilustradas em (6), (7) e (8) (ou quase mínimos).

- (6) **p**^híri ‘montanha’ vs ci-**p**íri ‘víbora’
ku-**t**áwira ‘responder’ vs **t**^hawáre ‘lagoa’
ku-**k**^hára ‘ser; ficar’ vs u-**k**ara ‘esperma’

As consoantes implosivas /ɓ, ɗ/ são muito mais frequentes do que os seus equivalentes plosivas /b, d/, de tal forma que (quase) pares mínimos como em (7) são difíceis de achar.

- (7) **ɓ**ása ‘dever, obrigação’ vs ku-**b**áta ‘segurar’
ku-**ɗ**ódá ‘escorrer, drenar’ vs ku-**d**óba ‘recolher, apanhar’

O Chikunda tem 4 nasais fonêmicas. As nasais podem ocorrer como a consoante inicial de uma sílaba, ou podem ser silábicas, ocorrendo como o núcleo da sílaba. As nasais silábicas sempre têm o mesmo local de articulação que a consoante seguinte, e.g. *ɲ-mimba* ‘na barriga’, *ɲ-soro* ‘cabeça’, *ɲ-kazi* ‘mulher’. Consoantes pré-nasalizadas são bastante comuns em línguas bantu. Nota-se que o Chikunda tem um amplo inventário, inclusive as três surdas aspiradas /mp^h, nt^h, ŋk^h/. A seguir alguns pares minimais:

- (8) **ɓ**ómbo ‘gafanhoto’ vs ɲ-**ɓ**o**ɓ**o ‘cobra cuspideira’
ku-tó**ŋ**gora ‘descascar’ vs ku-tsó**g**ora ‘dirigir, guiar’
nk^hóro ‘cauda de escorpião’ vs **k**^hóro ‘ancestre’

O flap /ɾ/ é pronunciado suavemente e, dependendo do contexto vocálico e do falante, pode se aproximar foneticamente do som [l].

O Chikunda contrasta as aproximantes /w/ e /y/. Podem ser precedidas por outra consoante, por exemplo, em *kúɖya* ‘comer’ e *kúgwa* ‘cair’. Elas também ocorrem como consoantes

epentéticas entre duas vogais, com [y] geralmente inserido antes de vogais anteriores, e [w] antes ou depois de vogais posteriores.

Finalmente, o Chikunda é notável pelo seu conjunto de consoantes africadas /tʃ, dʒ, pf, bv, ts, dz/, ilustradas em (9), e fricativas assobiadas /ɕ ɲ ʒ ɳ/ marcadas pelo diacrítico < , > e ilustradas em (10). Apesar de ser claramente audíveis, as consoantes assobiadas do Chikunda parecem ser mais fracas em intensidade, em comparação com as do Shona (Doke 1931), do Tswa e do Changana (SHOSTED, 2006, 2011).

- (9) ku-**tʃ**ápa ‘remar’
 ku-**dʒ**édʒera ‘estar frio’
 ku-**pf**átsa ‘alegrar-se’
 ku-**bv**ára ‘vestir’
 ku-ára ‘estar inteiro’
- (10) ku-**ɕ**úra ‘insultar’ vs ku-**p**úra ‘debulhar’
 ʒí-su ‘facas’ vs **c**í-su ‘faca’

Esse conjunto de consoantes complexas tem implicações importantes para as teorias da fonologia e, particularmente, para aquelas relacionadas ao tempo ou às articulações (TURK, SHATTUCK-HUFNAGEL, 2020).

A maioria dos fonemas classificados na Tabela 2 é representada da mesma forma no sistema de escrita adotado neste artigo, a fim de ser o mais fiel possível aos sons do idioma. As exceções aplicam-se aos fonemas listados em (11). Esta convenção gráfica é usada no restante do artigo.

- (11) Fonema Grafia
- | | |
|-------|-------|
| ɲ | ny |
| ŋ | ñ |
| (n)dʒ | (n)j |
| ɲk | nk |
| ŋg | ng |
| (m)ɕ | (m)ps |
| (m)ʒ | (m)bz |
| (n)tʃ | (n)c |
| nts | ns |

Vogais

O sistema vocálico chikunda não apresenta nenhuma peculiaridade em relação aos sistemas da maioria dos idiomas vizinhos: é composto de cinco vogais /i, e, a, o, u/. Em um sistema em que as vogais longas não são fonêmicas, o alongamento das vogais é usado meramente para fins expressivos.

Estructura silábica

A estrutura silábica canônica é CV. Por padrão, o núcleo é a vogal, mas as nasais silábicas comumente aparecem no início do substantivo como resultado da apócope da vogal entre um início nasal e uma consoante labial ou coronal seguinte, seguido de assimilação nasal homorgânica (por

exemplo, prefixo de classe de substantivo 3 *mu-* > *ŋ-* em *ŋsóro* ‘cabeça’). Não há substantivos de sílaba fechada em Chikunda. A única exceção a essa generalização são os ideófonos.

Tonologia

Conforme à maioria das línguas bantu, mas de forma inesperada na zona N40, o Chikunda tem tons fonêmicos. No entanto, o sistema tonal chikunda aparece bastante erodido, com uns contrastes tonais principalmente visíveis no domínio lexical. A análise a seguir não pretende ser exaustiva; apenas resgata os primeiros elementos observados nos substantivos chikunda e identifica algumas regras decorrentes.

O sistema tonal chikunda baseia-se na distinção entre a presença de um tom alto, convencionalmente abreviado por H (do Inglês *high* ‘alto’), e a ausência de tom (abreviado por Ø). Existe uma regra tonal, a duplicação, que consiste em duplicar um tom alto (primário) na próxima unidade portadora de tom (UPT, que corresponde à vogal), mas cuja aplicação é dependente do fraseamento fonológico^{vi}. Ou seja, as fronteiras das frases fonológicas influenciam o comportamento dos tons. Assim, em Chikunda, um tom alto primário (sublinhado nesta subsecção) tende a se duplicar em todos os contextos exceto sobre a vogal final da frase (...C_V́.CV). Neste caso, assistimos a um rebaixamento final. Um tom duplicado na penúltima UPT da frase fonológica (...C_V́.CV.CV) é realizado com um caractere descendente (anotado por ^ em cima da vogal neste trabalho, i.e. C_V́-C[^]_V.CV).

Ao nível lexical, não se conseguiu obter pares minimais diferenciadas com base no padrão tonológico só. Portanto, o tom lexical não desempenha um papel fundamental na distinção de significados. A Tabela 3 mostra os padrões tonais atestados nos temas lexicais dissilábicos do Chikunda, isto é, com duas UPTs. Ao comparar os dados chikunda com as reconstruções Proto-Bantu equivalentes propostas por Bastin et al. (*Bantu lexical reconstructions 3 / Reconstructions lexicales bantoues 3* 2002), observa-se que os temas lexicais dissilábicos do Chikunda exibem dois padrões tonais, isto é HØ e ØØ. O primeiro padrão HØ neutraliza três padrões tonais reconstruídos em PB: HL, HH, e LH. A neutralização dos padrões HH e LH apontam para a restrição seguinte: uma palavra pronunciada isoladamente não pode terminar com um tom alto. Assim sendo, HH torna-se HØ e LH inverte os tons e dá HØ. O segundo padrão ØØ, por sua vez, segue escrupulosamente o padrão LL reconstruído em PB, o que revela uma evolução regular.

TABELA 3: Padrões tonais nos temas lexicais dissilábicos

tons chikunda	tons PB	tema lexical	tradução	reconstrução BLR3
HØ	HL	mbúzi	‘cabra’	*bódi (BLR 303)
	or	k ^h ánda	‘pele’	*kánda (BLR 1707)
	HH	kázi	‘mulher’	*kádí (BLR 1674)
HØ	LH	ncéfu	‘antelope’	*cèpú (BLR 533)
		nsénzi	‘rato de cana’	*cèngí (BLR 553)
		dĩndi	‘fosso’	*dĩndí (BLR 993)
		dõngo	‘solo’	*dòngó (BLR 1138)
ØØ	LL	ndebvu	‘barba’	*dèdù (BLR 897)
		k ^h osi	‘pescoço’	*kòti (BLR 1963)
		dzanja	‘mão’	*gànjà (BLR 1329)
		nzou	‘elefante’	*jògù (BLR 1607)
		romo	‘boca’	*dòmò (BLR 1110)

Oposições tonais também existem em temas lexicais maiores, i.e. além de duas sílabas, como se pode ver na Tabela 4.

TABELA 4: Padrões tonais nos temas lexicais trissilábicos e além

UPT	tons chikunda	tema lexical	tradução
3	ØØØ	nyerere	‘formiga’
	HØØ	zúkûru	‘neto, neta’
	ØHØ	bzampsámpsa	‘tarantula’
4	ØØØØ	khangawudê	‘aranha’
	HØØØ	tsógorera	‘guiar’
	ØHØØ	njetíyêti	‘esp. de grilo’
	ØØHØ	nkhurukúpa	‘bicho-de-pé’

Infinitivos sem morfologia adicional (de tipo negação ou marca objeto) perderam as oposições tonais reconstruídas para as raízes verbais PB. Em vez disso, o tom alto ancora-se invariavelmente na primeira UPT do tema verbal, como mostrado em (12).

- (12) ku-mín-a ‘assoar o nariz’ (BLR 2192 *mìn)
 ku-psáyîr-a ‘varrer’ (BLR 2499 *píagid)
 ku-tétêmer-a ‘tremar’ (BLR 2876 *têtem)
 ku-cúngúnuk-a ‘virar-se’ (BLR 6394 *díongodok)

Substantivos derivados de verbos através do prefixo derivacional *nya-* seguem o padrão tonal infinitivo (UPT1 do tema), no singular tanto quanto no plural, e.g. (*a*)nyakubwéra ‘novo(s) morador(es)’, (*a*)nyakutúmîwa ‘mensageiro(s)’. Substantivos formados por reduplicação de um tema dissilábico exibem o padrão ØHØØ, e.g. *ka-combócômbô* ‘cordão umbilical’ ou *ka-konyókônyo* ‘cotovelo’.

Fora do léxico, o sistema tonal do Chikunda parece bastante enfraquecido, sugerindo um processo de simplificação e reanálise tonal que tem levado ao surgimento de um acento demarcativo na penúltima UPT da frase fonológica. Isso pode significar que, embora os tons tenham sido originalmente contrastivos na gramática, eles foram gradualmente perdidos ou neutralizados em unidades prosódicas maiores, resultando em um sistema de acento semelhante ao estresse (como em Swahili e outras línguas da zona N), que marca os limites da frase em vez de preservar os contrastes tonais lexicais. No entanto, um tal cenário levanta questões do ponto de vista da aquisição da linguagem. Como a língua é falada de forma contínua, um falante em aquisição dificilmente poderá aprender um sistema prosódico duplo que envolve, por um lado, tons contrastivos em palavras isoladas e, por outro, acentos demarcativos na fala conectada. Um outro cenário plausível seria a existência de regras de deslocamento tonal aplicadas ao nível da frase fonológica - regras que seguem um padrão minimamente regular e que podem ser naturalmente adquiridas pelo aprendente nativo. Essa hipótese levanta a questão de saber se essas regras são determinadas apenas pela estrutura prosódica, ou se há fatores morfo-sintáticos que também influenciam o posicionamento dos tons/acentos? Fenômenos de *tone spreading* ou *tone shift* são bem conhecidos nas línguas bantu, e é possível que estejam em jogo aqui. É preciso mais dados experimentais para testar se a acentuação penúltima é totalmente previsível ou se há casos em que certos tons lexicais resistem à neutralização.

Neste trabalho, os efeitos da prosódia semi-tonal/semi-acental do Chikunda são visíveis na primeira linha de cada exemplo, que apresenta uma transcrição fiel da oralidade com anotação dos tons primários e repetidos bem como dos acentos penúltimos. Somente uma análise mais detalhada poderá esclarecer a relação (e coabitação) entre tons e acentos em Chikunda.

Morfologia nominal

Classes nominais

Os substantivos chikunda são geralmente bi- ou trissilábicos. Como uma língua bantu típica, tem um sistema elaborado de classes de substantivos (padrões de concordância de gênero e número), numerados de 1 a 18 (Tabela 5). Estruturalmente, os substantivos consistem, no mínimo, em um radical ao qual é atribuído um prefixo de classe de substantivo.

TABELA 5: Prefixos de classes nominais

Classe	prefixo	exemplo	Tradução
1	mu-, N-	ṇ-kázi	‘mulher’
1a	Ø	nyacíde	‘co-esposa’
2	(w)a-	a-kázi	‘mulheres’
3	mu, N-	ṇ-sóro	‘cabeça’
4	mi-	mi-sóro	‘cabeças’
5	Ø	bát ^h a	‘pato’
	(dí-/dzi)	dí-so / dí-no	‘olho’ / ‘dente’
6	ma-	ma-bát ^h a	‘patos’
7	ci-	cí-nt ^h u	‘coisa’
8	bzi-	bzí-nt ^h u	‘coisas’
9	(N-)	nyúmba	‘casa’
10	(N-)	nyúmba	‘casas’
12	ka-	ka-tíyu	‘pinto’
13	tu-	tu-tíyu	‘pintos’
14	u-	u-moyo	‘vida’
15	ku-	ku-séka	‘rir’
16	pa-	pa-bánja	‘no lar’
17	ku-	ku-ṇ-céra	‘ao poço’
18	mu-, N-	ṇ-nyúmba	‘em casa’

A maioria das classes funcionam em pares singular/plural. Compare, por exemplo, a classe singular 1 *ṇ-kázi* ‘mulher’ com a classe plural 2 *a-kázi* ‘mulheres’. De acordo com o padrão canônico bantu, as classes 9 e 10 têm como prefixo uma nasal realizada como homorgânica à primeira consoante do radical. O par de prefixos *ka-* e *tu-* (classes 12/13) é geralmente aplicado a entidades pequenas (e.g. *ka-tíyu* ‘pinto’), e serve principalmente para formar diminutivos (e.g. *ka-mwána* ‘criancinha’). O prefixo de classe 15 *ku-* serve para formar infinitivos (por exemplo, *ku-séka* ‘rir’). A língua também manteve as três classes locativas históricas do Proto-Bantu *pà (classe 16), *kù (classe 17) e *mù (classe 18) (Meeussen 1967; Grégoire 1975), realizadas como *pa-*, *ku-* e *mu-*, respectivamente (por exemplo, *pa-nyúmba* ‘em casa’).

No sintagma nominal, os substantivos, por padrão, aparecem inicialmente e funcionam como a cabeça da construção. Nas orações verbais, eles geralmente servem como sujeitos e/ou objetos. Não há marcação diferente para os substantivos em diferentes posições argumentais ou diferentes funções oblíquas. Os substantivos como cabeças de sintagmas nominais podem-se combinar com modificadores adnominais, que geralmente os seguem e concordam com eles por

meio de prefixos de classe. Os modificadores adnominais incluem adjetivos, demonstrativos, possessivos, numerais/quantificadores e interrogativos. Alguns desses modificadores compartilham o mesmo paradigma de concordância, outros têm o seu próprio. Neste artigo, para facilitar a leitura, os prefixos de concordância em frases nominais são todos glosados como AGRP para ‘prefixo de concordância’ (inglês *agreement prefix*), seguido pelo número da classe do substantivo.

Demonstrativos

Os demonstrativos são divididos em quatro séries principais, diferenciadas por deixis espacial e temporal. Basicamente, as formas da série I são ‘proximais’ (próximas ao falante). A série II, marcada pelo sufixo *-no*, exprime uma proximidade espacial ou temporal imediata em relação ao falante. A série III, marcada pelo sufixo *-o*, é ‘referencial’, ou seja, próxima ao ouvinte. A série IV, marcada pelo sufixo *-re*, é ‘distal’, ou seja, distante tanto do falante quanto do ouvinte. Os demonstrativos são marcados por meio de um prefixo de concordância de classe; entretanto, na fala comum, eles tendem a ser diretamente encliticizados ao substantivo, descartando o prefixo de concordância. Este é o caso em (13), onde *=wa* reforça a primeira ocorrência do demonstrativo inicial. Note que a dupla ocorrência (pré- e pós-nominal) do demonstrativo aplicado a um mesmo referente é comum na fala em Chikunda.

(13) *awa wa cimuná:wa wénse adároóra káre* (kdn.moz_conv01#48)

awa **wa** **ci-muna=wa** **wense** **a-da-roora** **kare**
 2.DEM.I AGRP2.CON 7-homem=DEM.I AGRP2.todo PS2-PFV-casar já
 ‘Estes de homens, casaram todos já.’

Adjetivos

Assim como a maioria das línguas bantu, o Chikunda tem uma classe muito limitada de adjetivos lexicais, composta por *kuru* ‘grande, importante’, *nono* ‘pequeno’, *nango* ‘outro’ e *gana* ‘verde, imaturo’. Todos eles recebem prefixos de concordância.

Possessivos

Existem possessivos para os participantes de atos de fala (1SG *angu*, 2SG *ako*, 1PL *at^{hu}*, 2PL *anu*), bem como para as terceiras pessoas do singular (*ace*, ilustrado em (14)) e do plural (*awo*). Enquanto *ace* abrange possesores de todas as classes singulares (e.g. *nsisi wace* ‘o seu cabo’ ao falar do substantivo singular de classe 7 *cikarango* ‘pote de barro’), *awo* pertence a um paradigma de temas possessivas plurais cujas formas variam segundo as classes (e.g. *misisi yabzo* ‘os seus cabos’ ao falar do substantivo plural de classe 8 *bzikarango* ‘potes de barro’).

Os radicais possessivos também recebem um prefixo de classe que concorda com o nome cabeça, e combina quer por elisão quer por formação de glide com a vogal baixa que inicia cada tema possessivo. Muitas vezes, a combinação de um substantivo com seu modificador possessivo seguinte forma uma frase fonológica com um novo padrão tonal no qual apenas a primeira vogal do possessivo mantém o tom alto. Assim o substantivo *nyumba* ‘casa’ perde o tom alto quando seguido por um possessivo, como ilustrado em (14). Dois outros exemplos ilustram o mesmo fenômeno: *kabadza káwó* ‘a sua enxada’ (< *kabádza* em isolamento) em (2) e *mbadzo záwo* ‘os seus machados’ (< *mbádzo*) em (27).

- (14) *kadā múnthú ana nyumb' á:ce* (kdn.moz_conv01#102)
 kadā mu-nthu a-na nyumba y-**ace**
 cada 1-pessoa PS1-ter 9.casa AGRP9-POSS3SG
 'Cada um tem a sua casa.'

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais existem apenas para os participantes do ato de fala (1SG *ine*, 2SG *iwe*, 1PL *ife*, 2PL *imwe*) e para o par de classes 1/2 de 3ª pessoa (3SG *iye* e 3PL *iwo*). Essas formas pronominais são usadas em vários ambientes sintáticos: geralmente funcionam como pronomes sujeitos e complementos de preposição. Na oralidade, podem ser usadas como complementos de verbos, pós ou pré-verbais, além de marcadores de objeto no verbo para topicalização enfática, como no exemplo (15).

- (15) *umóyó wá:ngu ine ciniñthandí:za ni kuri:ma* (kdn.moz_conv01#24)
 u-moyo w-angu **ine** ci-ni-ñ-thandiza ni ku-rima
 14-vida AGRP14-POSS1SG PRO1SG PS7-PRS-PO1SG-ajudar COP 15-cultivar
 'Na minha vida, o que me ajuda é cultivar.'

Morfologia verbal

Como a maioria das línguas bantu, o Chikunda tem uma rica morfologia verbal aglutinativa. O complexo verbal consiste em uma série de afixos e clíticos atribuídos a espaços verbais específicos que são ordenados em torno da raiz do verbo contida no espaço radical. Como pode ser visto na Tabela 6, uma série de informações gramaticais é transmitida por esses elementos.

**TABELA 6: A estrutura morfológica do verbo finito em Sena
 (com base na terminologia de GÜLDEMANN, 1999).**

Posição	pré- inicial	inicial	pós- inicial	pre- radical	radical	pre- final	final	pós- final
Função	TAM Negação	sujeito	TAM MA	objeto	raíz verbal	derivação TA	TAM	PLA, CSQ, locativo, negação, pronome referencial, enfático, etc.

O exemplo em (16) ilustra a ordenação e o tipo de informação que pode aparecer na forma verbal, com prefixos de concordância de sujeito (*a-*) e aspectual (*mba-*), sufixo derivacional aplicativo (*-ir*) e enclítico enfático (*=tu*).

- (16) *ambarambirátu* (kdn.moz_conv01#89)
a-mba-ramb-ir-a=tu
 PS2-HAB-negar-APL-VF=ENF
 'Negam mesmo.'

Como uma língua bantu típica, o Chikunda apresenta o alinhamento nominativo-acusativo. A ordem padrão e não marcada das palavras é Sujeito-Verbo(-Objeto)(-Adjunto/Oblíquo). O espaço de concordância inicial da forma verbal conjugada expressa invariavelmente a concordância com o sujeito. Os argumentos cuja identidade pode ser recuperada pelo contexto

podem ser omitidos livremente. Isso é especialmente verdadeiro para sujeitos, que são sistematicamente sinalizados pela concordância verbal.

Marcação de sujeito e objeto

Os sujeitos e objetos são marcados no verbo por meio de prefixos. O marcador de sujeito precede o marcador de objeto. O marcador de objeto ocorre diretamente antes do radical do verbo. A Tabela 7 fornece os paradigmas dos marcadores de sujeito (PS) e objeto (PO) em Chikunda.

TABELA 7: Índices sujeitos e objetos em Chikunda

pessoa/classe	PS	PO
1SG	ni-	ni-
2SG	u-	ku-
1PL	ti-	ti-
2PL	mu-	ku- + =ni
1	a-	mu-
2	a-	a-
3	u-	u-
4	i-	yi-
5	i-	yi-
6	(y)a-	(y)a-
7	ci-	ci-
8	bzi-	bzi-
9	i-	yi-
10	zi-	zi-
12	ka-	ka-
13	tu-	tu-
14	u-	u-
15	ku-	/
16	pa-	/
17	ku-	/
18	mu-	/

O Chikunda usa classes nominais do plural para marcar respeito. Assim os prefixos sujeito *mu-* (2PL) e *a-* (classe 2) podem ser usados para uma única pessoa em contextos formais, como ilustrado em (24) e (2), respectivamente. O uso de marcas plurais para expressar respeito, também conhecido como plural de reverência ou plural honorífico, é um fenômeno encontrado em várias línguas do mundo (Brown, Levinson 1987; Helmbrecht 2003), inclusive bantu (Maho 1999; Marten, Kula 2021).

Por regra, a concordância de sujeito é obrigatória, quer um sujeito nominal esteja presente, como em (14), ou ausente, como em (16). No entanto, na oralidade, ouve-se verbos flexionados sem marca de sujeito, como *tetezewe* em (17), que deveria ser marcado com o prefixo sujeito de classe 7 *ci-*, em referência ao sujeito *ca kudya* ‘comida (lit. ‘coisa de comer’). Mais pesquisas são necessárias, mas essa falta de marcação de sujeito (particularmente audível na variedade zambiana) parece ser facilitada pela existência de um contexto em que a referência ao sujeito é clara.

- (17) *inde, ibwére bwí:no, ca kú:dya cikháre bwino, tetezéwe* (kdn.zam_conv01_#29)
inde i-6wer-e bwino ca ku-dya ci-khar-e bwino
sim PS9-vir-SBJV bem AGRP7.CON 15-comer PS7-ficar-SBJV bem

tetez-ew-e

proteger-PASS-SBJV

‘Sim, para resultar bem, para a comida ficar boa, protegida (...)’

A concordância de objeto só é possível quando não há objeto nominal presente, como em (20) e (21). Múltiplos marcadores de objetos no mesmo verbo não são permitidos em Chikunda.

O reflexivo é marcado pelo prefixo *bzi-* diretamente antes do radical do verbo, como ilustrado em (18).

- (18) *kada múnthú ana nyumb’ á:cé, panyumba pacémbo ambzitongerámbo ékha*
(kdn.moz_conv01#103)

kada mu-nthu a-na nyumba y-ace
cada 1-pessoa PS1-ter 9.casa AGRP9-POSS1
pa-nyumba pa-ace=mbo a-m-bzi-tong-er-a=mbo a-ekha
16-9.casa AGRP16-POSS1=CSQ PS1-PRS-REFL-reger-APL-VF=CSQ AGRP1-sozinho
‘Cada um tem casa dele, e na sua casa, manda sozinho.’

A prefixação de uma marca de objeto pode alterar o padrão tonal de algumas formas verbais. É particularmente visível nos verbos construídos a partir do morfema infinitivo *ku-*. Assim se adicionar um prefixo objeto a forma verbal *akukwanisa* ‘estão a aguentar’, um segundo tom alto primário aparece no prefixo infinitivo e repete-se no prefixo objeto seguinte. Isto é visível em (19) com *akúbzikwanisa* ‘estão a se aguentar’ (‘estão a conseguir’).

- (19) *waná wa manjéwá akúbzikwanisa kúbzícitámbo bzimwébzo kapéná: ne?*
(kdn.moz_conv01#71)

wana wa manje=wa a-ku-bzi-kwanisa
2.criança AGRP2.CON hoje=DEM.I PS2-INF-REFL-aguentar
ku-bzi-cita=mbo bzimwebzo kapena ne
INF-REFL-fazer=CSQ 8.DEM.II ou NEG
‘As crianças de hoje estão a conseguir fazer isso então ou não?’

Derivação verbal

As raízes verbais do Chikunda podem ser seguidas por uma ou mais extensões derivacionais, conforme detalhado abaixo. Como é típico nas línguas bantu orientais, as extensões que incluem um /i/ estão sujeitas à harmonia, de modo que a vogal é abaixada após uma raiz cuja vogal é /e/ ou /o/. Isto é o caso do sufixo causativo *-is*, pronunciado *-es* em *kubwer-es-a* ‘trazer’ (< *kubwera* ‘vir’), do sufixo aplicativo *-ir*, pronunciado *-er* em *kutsogor-er-a* ‘liderar alguém’ (< *kutsogora* ‘liderar’), e do sufixo passivo *-iw*, pronunciado *-ew* em *kugwes-ew-a* ‘ser provocado a cair’ (< *kugwesa* ‘fazer cair’ < *kugwa* ‘cair’). Os sufixos causativo e aplicativo, que tipicamente adicionam um participante à estrutura argumental do verbo, não parecem desencadear nenhuma mudança morfofonológica à raiz verbal. Dois exemplos são apresentados em (20) e (21), respectivamente.

- (20) *bwá: tikupfunzi:se kakháridwe ka bá:nja* (kdn.moz_conv01#97)

bwera ti-ku-pfunz-is-e ka-kharidwe ka banja
vir.IMP PS1PL-PO2SG-estudar-CAUS-SBJV 12-modo.de.vida AGRP12.CON 9.lar
‘Venha para nós ensinar-te como viver no lar.’

(21) *famílya kun' ikambaŋnyanganíra ŋká:zi* (kdn.moz_conv01#68)

familya kuno i-k^(h)a-mba-mu-nyangan-ir-a ŋ-kazi
 9.família 17.DEM.II PS9-PAS.IPFV-HAB-PO1-olhar-APL-VF 1-mulher
 'A família aqui procurava mulher para ele.'

Observe que o sufixo causativo pode ser usado para expressar intensidade. Nesse caso, ele geralmente aparece reduplicado, como em *kumv-es-es-a* 'escutar cuidadosamente'.

O sufixo passivo tem duas realizações, i.e., a forma longa *-iw* e a curta *-w*. As condições sob as quais a distribuição de cada forma é determinada não estão claras neste estágio. No entanto, após a consoante /r/, somente a forma curta *-w* é atestada e, neste contexto, o valor da consoante [r] muda em [d]. Assim o verbo *kubadwa* 'nascer' é a forma passivizada do verbo *kubara* 'dar à luz'. A mesma mudança morfofonológica aplica-se após o sufixo aplicativo *-ir ~ -er*, como ilustrado na frase (22).

(22) *waré wánthũ: adazatsogorédwa ná ápotugízi* (kdn.moz_conv02#105)

ware wa-nthu a-dá-za-tsogor-er-edw-a na a-potugizi
 2.DEM.III 2-pessoa PS2-PFV-PROSP-liderar-APL-APL.PASS-VF por 2-Português
 'Aqueles pessoas foram lideradas pelos Portugueses.'

O sufixo derivacional *-an* exprime o recíproco, como em *kuroor-an-a* 'casar um com o outro' (< *kuroora* 'casar'). Um exemplo em contexto segue em (23).

(23) *tidasiyá:na né:?* (kdn.moz_conv01#102)

ti-dá-siy-an-a né
 PS1PL-PERF-deixar-RECP-VF né
 'Somos diferentes, né?'

Flexão verbal

Nesta secção, apresento os principais paradigmas verbais que representam tempo, aspecto, modo (TAM) e movimento associado^{vii} (MA), tal como listados na Tabela 8. Estudos adicionais, sem dúvida, revelarão paradigmas e funções mais precisos, mas o conjunto atual fornecerá uma amostra representativa das distinções básicas de TAM-MA na língua. Note-se que segundo o TAM do verbo, três diferentes padrões tonais aplicam-se às formas verbais. Na grande maioria dos casos, um único tom alto ancora-se na penúltima UPT, de forma semelhante a um sistema acentual. Em duas construções, i.e. imperativo e passado anterior, a forma verbal fica integralmente sem tom. No presente progressivo, a primeira UPT do tema verbal recebe o tom alto, o que corresponde ao padrão infinitivo mostrado em (12) acima.

TABELA 8: Morfemas de TAM em Chikunda

TAM	marcador	estrutura verbal	padrão tonal H	tradução ‘eu fazer’
imperativo	Ø	BV-a(=ni)	Ø	faça(m)
subjuntivo	-e	PS-BV-e	penúltima	que eu faça
potencial	nga...-e	PS-nga-BV-e	penúltima	posso fazer
passado hodierno	a-	PS-a-BV-a	penúltima	fiz (hoje)
perfectivo / perfeito	da-	PS-da-BV-a	penúltima	fiz
passado imperfectivo	kha- ~ ka-	PS-kha-BV-a	penúltima	fazia
passado anterior	kada-	PS-kada-BV-a	Ø	tinha feito
condicional contrafactual	kada-	PS-kada-BV-a	penúltima	se tivesse feito / faria
(presente) imperfectivo	ni-	PS-ni-BV-a	penúltima	faço
presente progressivo	(ŋ)ku-	PS-ku-BV-a	tema1	estou a fazer
futuro / prospectivo	za-	PS-ŋ-za-BV-a	penúltima	farei
situativo	ka-	PS-ka-BV-a	penúltima	se/quando fizer
habitual	mba-	PS-mba-BV-a	penúltima	costumo fazer
simultâneo	ci-	PS-ci-BV-a	penúltima	ao fazer / fazendo
+				
movimento associado itivo	ka-	PS/INF-ka-BV-a	penúltima	ir fazer
movimento associado ventivo	za-	PS/INF-za-BV-a	penúltima	vir fazer

O modo irreal é representado pelo subjuntivo (ilustrado em (20)) e pelo potencial, ilustrado em (24). Os dois são marcados pelo sufixo *-e*, glosado SJBV no subjuntivo, mas IRR (< irreal) quando usado com o prefixo potencial.

(24) *mungaroóre? mungaroore rini?* (kdn.moz_conv01#63)

mu-nga-roor-e mu-nga-roor-e rini
 PS2PL-POT-casar-IRR PS2PL-POT-casar-IRR NEG
 ‘Pode casar? Ou não pode casar?’

O passado hodierno *a-* é sempre amalgamado com o prefixo sujeito, com ou sem alongamento da vogal dependendo da velocidade de enunciação. Segundo o contexto e o tipo de verbo, a situação descrita ainda é relevante no momento de enunciação, como em (25), conferindo a *a-* um valor aspetual perfeito.

(25) *tatênda kwenekwé:né; takondwérá kucéza námwe* (kdn.moz_conv01#108-109)

ti-a-tenda kwene-kwene ti-a-kondw-er-a ku-ceza
 PS1PL-HOD-agradecer mesmo-RED PS1PL-HOD-estar.feliz-APL-VF 15-conversar
 na imwe
 com PRO2PL
 ‘Agradecemos muito, ficamos felizes conversar com você.’

O perfectivo *da-*, que descreve uma situação concluída no passado (13), também tem um valor de perfeito quando é usado com um verbo estativo, como ilustrado em (23) acima, ou quando marca um estado presente decorrente de uma ação. Na língua oral, o passado imperfectivo *kha-* tende a perder a aspiração e ouve-se como *ka-*.

A forma *kada*, que aparece formalmente como um amalgame dos dois prefixos *ka-* e *da-*, é considerada aqui como um morfema pleno. Em Chikunda, *kada-* usa-se em dois contextos que ambos dependem do tempo de perspectiva passado: 1) pode exprimir um passado anterior, ou seja, um passado no passado, o que equivale ao ‘passado mais-que-perfeito’ em português, como ilustrado em (26); 2) pode exprimir o condicional contrafactual (português ‘conjuntivo pretérito

perfeito’), caso em que *kadā-* é usado tanto na prótase (inglês *protasis*) quanto na apódose (inglês *apodosis*), como ilustrado em (27).

- (26) *gore yámúdabá:dwa imwe:, kuréwá kúti nkhóndo ikadāmara káre* (kdn.moz_conv01#17)

gore ya-mu-dā-badwa imwe ku-rewa kuti
5.ano REL5-PS2PL-PFV-nascer.PASS PRO2PL 15-dizer que
nkhondo i-**kadā**-mara kare
9.guerra PS9-PAS.ANT-acabar já

‘O ano em que você nasceu (lit. foi nascido), para dizer que a guerra já tinha acabado.’

- (27) *akadāzipéza mbadzo záwo, akadākumbirá rini zá:thu* (elicitación)

[a-**kadā**-zi-peza mbadzo zi-awo]_{PRÓTASE}
PS2-CFTL-PO10-achar 10.machado AGRP10-POSS3PL
[a-**kadā**-kumbira rini zi-athu]_{APÓDOSE}
PS2-CFTL-pedir NEG AGRP10-POSS1PL

‘Se tivessem achado os seus machados, não teriam pedido os nossos.’

O prefixo imperfeito *ni-* marca o presente geral, como o exemplo (15) mostra. Segundo o contexto, a interpretação pode abranger uma temporalidade futura, como em (28).

- (28) *então bziñtinēnsa kuti tibzimari:ze* (kdn.moz_conv01#92)

então bzi-**ni**-ti-nensa kuti ti-bzi-mariz-e
então SP8-IPFV-OP1PL-ser.difícil que SP1PL-OP8-terminar-SBJV

‘Então vai ser difícil nos terminarmos com isso.’

O presente progressivo, exprimido pelo prefixo (*ñ*)*ku-*, já foi brevemente apresentado e ilustrado.

O futuro geral é marcado pelo prefixo *za-*, como em (29). Em vários casos, *za-* segue o prefixo habitual *mba-*. Com base nas ocorrências ao meu dispor, a combinação dos dois prefixos, *mbaza-*, é geralmente interpretada como uma ação a vir, que segue o desenrolar dos eventos e será efetiva no futuro, como um prospectivo (glosado PROSP). A frase em (30) ilustra isso.

- (29) *izathandiza na waná:wa, kúti wáná asazabvutí:ke* (kdn.zam_conv01#140)

i-**za**-thandiza na wana=wa kuti wana a-sa-**za**-bvutik-e
PS9-FUT-ajudar com 2.criança=DEM.I que 2.criança PS2-NEG-FUT-sofrer-SBJV
‘Isto ajudará as crianças, de tal forma que as crianças não sofram.’

- (30) *akabwérá mamúna k(uz)amuroóra, timbazakónza ife akur’ákuru mánje*
(kdn.moz_mon03#18-19)

a-ka-bwera mamuna ku-za-mu-roora
SP1-SIT-vir 1a.homem 15-MA.VTV-PO1-casar
ti-**mba-za**-konza ife a-kuru-akuru manje
SP1PL-HAB-PROSP-construir PRO1PL 2-adulto-RED agora

‘Quando vir homen para lhe casar, nós os adultos começamos já a organizar.’

Nota que, na mesma frase (30), o prefixo *za-* na forma verbal infinitiva *kuzamuroora* serve de marcador de movimento associado ventivo, que vem reforçar o verbo *akabwera* ‘quando ele vir’, que já exprime a idéia de um movimento para cá. Essa redundância semântica também existe

(sem ser obrigatória) com o movimento associado itivo, exprimido pelo prefixo *ka-*, como ilustrado em (31), onde *kacera* ‘ir cavar’ segue o verbo de movimento *ninienda* ‘eu vou’.

- (31) *ninyéndá kacérá mankhwára ya cisenzi* (kdn.moz_mon03#14)
 ni-ni-**enda** **ka**-cera ma-nkhwara ya ci-senzi
 PS1SG-IPFV-ir MA.IT-cavar 6-medicamento AGRP6.CON 7-indígena
 ‘Vou cavar medicamento tradicional indígena (daqui).’

Um outro prefixo *ka-* existe em Chikunda, usado para exprimir uma situação hipotética ou uma precondição lógica do tipo ‘se eu fizer’, e/ou temporal do tipo ‘quando eu fizer’, como ilustrado em (32).

- (32) *apa já nika:fika mukózyu munovembro niñcítá 61 ano* (kdn.moz_conv01#6)
 apa já ni-**ka**-fika mu-koyzu mu-novembro ni-ni-cita 61 anos
 16.DEM.I já PS1SG-SIT-chegar 18-9.coiso 18-novembro PS1SG-PRS-fazer 61 anos
 ‘Assim já quando chegar no coiso, em Novembro vou fazer 61 anos.’

Para indicar uma situação recorrente, usa-se o prefixo habitual *mba-* como ilustrado em (33).

- (33) *nimbacítambo ya nsómba, nimbápha nsómba* (kdn.moz_conv01#45)
 ni-mba-cita=mba i-a nsomba ni-mba=pha nsomba
 PS1SG-HAB-fazer=CSQ AGRP9-CONN 9.peixe PS1SG-HAB-matar 9.peixe
 ‘Faço também (coisa) de peixe, mato peixe.’

Finalmente, o prefixo *ci-* é usado para significar a simultaneidade de uma situação ou ação a uma outra. Em português traduz-se geralmente por um gerúndio, isto é ‘fazendo’ ou ‘ao fazer’. O prefixo *ci-* pode combinar com o habitual *mba-*, como ilustrado em (34).

- (34) *kuyámba ine ñcimbaréwa kuti “ine páno ndíne nyabé:zi”* (kdn.moz_conv08#68-69)
 ku-yamba ine ni-ci-mba-rewa kuti ine pano
 15-começar PRO1SG PS1SG-SIM-HAB-dizer que PRO1SG 16.DEM.II
 ndine nyabezi
 COP.PRO1SG 1a.curandeiro
 ‘Primeiro, eu a dizer que, eu aqui, sou curandeira.’

Negação

A negação da maioria das formas verbais flexionadas do chikunda envolve a partícula de negação *rini* que tende a seguir diretamente o verbo negado. Isto é ilustrado na forma condicional contrafactual em (27) em cima, e a seguir em (35) no presente imperfeito.

- (35) *amphata rini bása panyumba pare* (kdn.moz_conv08#41)
 a-ni-phata **rini** basa pa-nyumba pare
 PS1-IPFV-pegar NEG 5.trabalho 16-9.casa 16.DEM.III
 ‘Ele não trabalha ali em casa.’

Diferentemente dos outros TAM, o subjuntivo é negado pelo prefixo *sa-*, como ilustrado em (29) em cima com o verbo *asazabvutike* ‘para não sofrerem’. Para impedir ou proibir, tanto o modo subjuntivo negado por *sa-* (36a), quanto o modo imperativo aplicado ao verbo auxiliar *kureka* ‘deixar de’ seguido pela forma infinitiva do verbo principal (36b) podem ser usados.

(36) a. *usafúngé ṅsúwó wa nyumba* (elicitação)

u-sa-fung-e ṅ-suwo u-a nyumba
PS2SG-NEG-fechar-SBJV 3-porta AGRP3-CON 9.casa

b. *ré:ka kufúnga ṅsúwó wa nyumba* (elicitação)

reka ku-funga ṅ-suwo u-a nyumba
deixar.de.IMP 15-fechar 3-porta AGRP3-CON 9.casa
'Não fecha a porta da casa.'

Nota-se que o potencial, cuja terminação *-e* é formalmente idêntica ao subjuntivo, recorre à partícula negativa *rini*, como em (24) acima, e não ao prefixo *sa-* como no modo subjuntivo.

As duas estratégias de negação usadas para os modos subjuntivo e imperativo, i.e., o prefixo negativo *sa-* e a perífrase baseada no verbo auxiliar *kureka* 'deixar de' também existem para o infinitivo negativo. Cada estratégia é ilustrada a seguir. Como pode se ver em (37), a adição do prefixo negativo *sa-* implica um padrão tonal com dois tons altos: um primeiro no prefixo infinitivo (que se repete no prefixo negativo) e um segundo na penúltima UPT. Isso verifica-se em temas verbais maiores, como em *kú-sá-pírír-a* 'ser impaciente' (> *ku-pírír-a* 'ser paciente'). Este padrão tonal é o mesmo observado nas formas infinitivas que contêm um prefixo objeto (ver o exemplo (19) com *akúbzikwanisa* 'estão a se aguentar').

(37) *kuóná kana kúsáóna bzénse ni bziódzi* (elicitação)

ku-ona kana ku-sa-ona bzi-ense ni bzi-bodzi
15-ver ou 15-NEG-ver AGRP8-tudo COP AGRP8-um
'Ver ou não ver, é tudo igual.'

(38) *kuréka kuróorá: ni bzábwino* (elicitação)

ku-**reka** ku-roora ni bza.bwino
15-deixar.de 15-casar COP AGRP8.CON.bom
'Não casar é uma coisa boa.'

As formas verbais que expressam o contra-expectativo, isto é, 'ainda não' (também traduzível por 'antes de'), são invariavelmente construídas na estrutura perifrástica PS-*kanati* + *ku-BV-a*. A forma *kanati*, que serve de auxiliar, pode ser dividida em dois morfemas: o prefixo *ka-* cujo função neste contexto não está clara ainda; 2) o prefixo *nati-* que exprime 'ainda não' (glosado NONDUM) e que provavelmente resulta, historicamente, da combinação do contraexpectativo *na-* com o auxiliar *ti*. Dois exemplos desta perífrase verbal baseada em *kanati* são fornecidos em (39) e (40). Se o contexto deixar claro, o verbo principal pode ser omitido, como em (39).

(39) *wénsé adaroóra káre: kapena akaná:ti?* (kdn.moz_conv01#47)

wa-ense a-dá-roora kare kapena a-**ka-nati**
AGRP2-tudo PS2-PFV-casar já ou PS2-?-NONDUM
'Todos já casaram ou ainda não?'

(40) *akambadyé:sa wanthu wáre akaná:ti kúfa* (kdn.moz_conv02#43)

a-ka-mba-dý-es-a wa-nthu ware a-**ka-nati** ku-fa
PS2-PST.IPFV-HAB-comer-CAUS-VF 2-pessoa 2.DEM.III PS2-?-NONDUM 15-morrer
'Faziam comer aquelas pessoas antes de morrer.'

A negação em orações não verbais é expressa por meio da partícula negativa =*be* encliticizada à cópula *ri* ‘ser’. Um exemplo de predicação existencial é fornecido em (41). Nota-se que a mesma construção serve para exprimir a predicação possessiva restritiva, traduzível por ‘não ter’ ou ‘(ficar) sem’, como em (42). De maneira interessante, toda vez que precede um verbo infinitivo, também serve de auxiliar para exprimir um passado perfectivo negativo, como em (43), que pode naturalmente ser traduzido por ‘sem + infinitivo’, como a frase elicitada em (44) mostra.

(41) *mas nsiku zino kuri:be* (kdn.moz_conv01#84)

mas nsiku zino ku-ri=**be**
 mas 10.dia 10.DEM.II PS17-COP=NEG
 ‘mas esse dias, não existe mais.’

(42) *ndayá:mba niríbe mwáná:* (kdn.moz_conv08#83)

ni-dâ-yamba ni-ri=**be** mu-ana
 PS1SG-PFV-começar PS1SG-COP=NEG 1-criança
 ‘Comecei (fiquei) sem criança.’

(43) *naénda kuškóla konkúre, ni(r)íb’ ukwanísa kupfú:nza* (kdn.moz_conv08#59)

ni-a-enda ku-skola konkure ni-ri=**be** ku-kwanisa ku-pfunza
 PS1SG-HOD-ir 17-9.escola alí PS1SG-COP=NEG 15-aguentar 15-estudar
 ‘Fui à escola alí, não consegui estudar.’

(44) *adaéndá kagóná aribe kúdyá kana cínthu* (elicitação)

a-dâ-enda ka-gona a-ri=**be** ku-dya kana ci-nthu
 PS1-PFV-ir AM.IT-dormir PS1-COP=NEG 15-comer nem 7-coisa
 ‘Ele foi para cama sem ter comido nada.’

ABREVIACÕES

AGRP prefixo de acordo
 ANT anterior
 APL aplicativo
 CAUS causativo
 CFTL contrafactual
 CON conectivo
 COP cópula
 CSQ consequencial
 DEM demonstrativo
 ENF enfático
 FUT futuro
 HOD hodierno
 IMP imperativo
 IPFV imperfectivo
 IRR irrealis
 IT itivo
 MA movimento associado
 NEG negação
 NTR neutro
 PAS passado
 PASS passivo

PERF perfeito
 PFV perfectivo
 PL plural
 PLA plural de destinatários
 PO prefixo objeto
 POSS possessivo
 POT potencial
 PRO pronome
 PROG progressivo
 PROSP prospectivo
 PRS presente
 RED reduplicação
 RECP recíproco
 REL relativo
 PS prefixo sujeito
 SBJV subjuntivo
 SG singular
 SIM simultâneo
 SIT situativo
 TAM tempo aspeto modo
 VF vogal final

VTV ventivo

Agradecimentos

Esta pesquisa é apoiada por um financiamento da Agência Nacional de Pesquisa Francesa (ANR) para o projeto OriKunda (ANR-22-CE54-0009, PI Rozenn Guérois), cujo apoio financeiro agradeço. O trabalho de campo no Zimbábue, Moçambique e Zâmbia foi viabilizado por uma bolsa de mobilidade SMI do CNRS SHS. Por fim e, mais importante, agradeço aos falantes de Chikunda que contribuíram para este estudo.

Interesses conflitantes

O autor declara não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

ABOH, E.O. **The emergence of hybrid grammars: Language contact and change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

ALIKULETI, A. **The extent of Chikunda influence and their social organisation in the Luangwa, Zambezi and Shire valleys**. Chipata: Kolbe Press, 2021.

Bantu lexical reconstructions 3 / Reconstructions lexicales bantoues 3, 2002. [em linha]. Disponível em: <http://linguistics.africamuseum.be/BLR3.html>

BOSTOEN, K. **Des mots et des pots en bantou: une approche linguistique de l'histoire de la céramique en Afrique**. Frankfurt am Main: Peter Lang. Schriften zur Afrikanistik / Research in African Studies, 9, 2005.

BROWN, P. LEVINSON, S.C. **Politeness: Some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAHEN, M. Compte-rendu « Le Mozambique dans l'histoire, À propos de Malyn Newitt, A Short History of Mozambique ». **Lusotopie**. v. 17, p. 159–167, 2018.

CHAMBERS, J., TRUDGILL, P. e SCHILLING-ESTES, Natalie (orgs.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2002.

DOKE, C.M. **A comparative study in Shona phonetics**. Johannesburg: University of the Witwatersrand Press, 1931.

EHRET, C. Cattle-keeping and milking in eastern and Southern African history: the linguistic evidence. **Journal of African History**. v. 8, p. 1–17, 1967.

GRÉGOIRE, C. **Les locatifs en bantou**. Tervuren: Royal Museum for Central Africa, 1975.

GROLLEMUND, R. *et al.* **Bantu expansion shows that habitat alters the route and pace of human dispersals**. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. v. 112, n. 43, p. 13296–13301, 2015.

GUÉROIS, R., GIBSON, H. e PERSON, B. Associated motion in Bantu languages. In: **Associated motion**. Berlin: De Gruyter Mouton. p. 569–610, 2021.

GUILLAUME, A. e KOCH, H. (orgs.). **Associated motion**. Berlin: Mouton De Gruyter. Empirical Approaches to Language Typology (EALT), 64, 2021.

GÜLDEMANN, T. The genesis of verbal negation in Bantu and its dependency on functional features of clause types. In: **Bantu historical linguistics: Theoretical and empirical perspectives**. Stanford: CSLI. p. 545–587, 1999.

GUTHRIE, M. **Comparative Bantu: An introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages**. London: Gregg International, 1971.

HALE, M. **Historical linguistics: theory and method**. Malden, MA: Blackwell, 2007.

HAMMARSTRÖM, H. An inventory of Bantu languages. In: **The Bantu Languages 2**. London: Routledge. p. 17–78. Routledge Language Family Series, 2019.

HEINE, B. The dispersal of the Bantu peoples in the light of linguistic evidence. **Muntu**, v. 1, n. 2, p. 21–35, 1984.

HELMBRECHT, J. Politeness distinctions in second person pronouns. In: **Deictic conceptualization of space, time and person**. Amsterdam: John Benjamins. p. 185–202, 2003.

ISAACMAN, A. The origin, formation and early history of the Chikunda of South-Central Africa. **The Journal of African History**. v. 13, n. 3, p. 443–461, 1972.

ISAACMAN, A. e ISAACMAN, B. **Slavery and beyond: The making of men and Chikunda identities in the unstable world of South-Central Africa, 1750-1920**. Portsmouth N.H.: Heinemann, 2004.

ISAACMAN, A. e PETERSON, D. Making the Chikunda: military slavery and ethnicity in Southern Africa, 1750-1900. **The International Journal of African Historical Studies**. v. 36, n. 2, p. 257–281, 2003.

KISO, A. **Tense and aspect in Chichewa, Citumbuka, and Cisena**. Ph.D. Thesis. Stockholm: Stockholm University, 2012.

KOILE, E. et al. Phylogeographic analysis of the Bantu language expansion supports a rainforest route. **Proceedings of the National Academy of Sciences**. v. 119, n. 32, p. e2112853119, 2022.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Internal factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Social factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Cognitive and cultural factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LASS, R. **Historical linguistics and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LAWS, R. **English-Tshigunda vocabulary**. Livingstonia Mission, 1880.

MAHO, J.F. **A comparative study of Bantu noun classes**. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1999.

- MAHO, J.F. **NUGL online: The online version of the new updated Guthrie list, a referential classification of the Bantu languages**, 2009. Acesso em 10 agosto 2020. Disponível em: https://brill.com/fileasset/downloads_products/35125_Bantu-New-updated-Guthrie-List.pdf
- MALKIEL, Y. **Etymology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MARTEN, L. e KULA, N. Expressing politeness and respect in Bantu Languages: A short comparative survey. In: **African Languages: Linguistic, Literary and Social Issues; A festschrift in honour of Prof. Herman Batibo**. Cape Town: CASAS, 2021.
- MEEUSSEN, A.E. Bantu grammatical reconstructions. **Africana Linguistica**. v. 3, p. 79–121, 1967.
- MÖHLIG, W.J.G., ROTTLAND, F. e HEINE, B. (orgs.). **Zur Sprachgeschichte und Ethnohistorie in Afrika**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1977.
- MUFWENE, S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MUFWENE, S. **Language evolution: Contact, competition and change**. London: Continuum, 2008.
- MUFWENE, S. Pidgin and creole languages. In: **International encyclopedia of the social and behavioral sciences**. Oxford: Elsevier. p. 133–145, 2015.
- NEWITT, M. **Portuguese settlement on the Zambezi**. New York: Africana Publishing Company, 1973.
- NEWITT, M. **A History of Mozambique**. London: Hurst, 1994.
- NEWITT, M. Compte-rendu “Michel Cahen’s Review of A Short History of Mozambique: Some Thoughts”. *Lusotopie*. vol. 17, p. 168–185, 2018.
- ODDEN, D. Kimatuumbi phrasal phonology. **Phonology**. v. 4, p. 13–36, 1987.
- ODDEN, D. Predictable tone systems in Bantu. In: **Autosegmental studies on pitch accent**. Dordrecht: Foris. p. 225–251, 1988.
- PATRIARCA, M., HEINSALU, E. e LÉONARD, J.L. (orgs.). **Languages in space and time: Models and methods from complex systems theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- PHILIPPSON, G. **Gens des bananeraies: contribution linguistique à l’histoire culturelle des Chaga du Kilimanjaro**. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, 1984.
- PHILIPPSON, G. e BAHUCHET, S. Cultivated crops and Bantu migrations in Central and Eastern Africa: A linguistic approach. **Azania**. v. 29/30, p. 103–120, 1996.
- RICQUIER, B. e BOSTOEN, K. Retrieving food history through linguistics: Culinary traditions in early bantuphone communities. In: **Food and language: Proceedings of the Oxford Symposium on food and cooking 2009**. Oxford Symposium. p. 258–269, 2010.

SCHOENBRUN, D.L. **A green place, a good place: agrarian change, gender and social identity in the great lakes region to the 15th century**. Nairobi: EAEP, 1998.

SHOSTED, R. Just put your lips together and blow? whistled fricatives of Southern Bantu. In: **Proceedings of ISSP 2006: 7th International Seminar on speech production**. Belo Horizonte: CEFALA. p. 565–572, 2006.

SHOSTED, R. Articulatory and acoustic characteristics of whistled fricatives in Changana. In: **Selected proceedings the 40th Annual Conference on African Linguistics**. Somerville MA: Cascadilla Proceedings Project. p. 119–129, 2011.

SIMONIN, J. e WARTHON, S. (orgs.). **Sociolinguistique du contact. Dictionnaire des termes et concepts**. Lyon: ENS Lyon, 2013.

THIEBERGER, N. Steps toward a grammar embedded in data. In: **New challenges in typology: Transcending the borders and refining the distinctions**. Berlin: Mouton De Gruyter. p. 389–408, 2009.

TURK, A. e SHATTUCK-HUFNAGEL, S. **Speech timing: Implications for theories of phonology, phonetics, and speech motor control**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

VANSINA, J. **Paths in the rainforests**. Madison: University of Wisconsin Press, 1990.

WEISS, M. The comparative method. In: **The Routledge handbook of historical linguistics**. London: Routledge. p. 127–146, 2014.

ZEMBA, M. **A grammatical sketch of Kunda language**. Master Dissertation. The University of Zambia, 2015.

NOTAS

ⁱ Os prazos eram territórios em princípio dados em concessão a um capitão branco por um período - ‘prazo’ em português - de três gerações.

ⁱⁱ Extraído de Isaacman & Peterson (2003, p. 261), originalmente de uma entrevista com Ricardo Ferrão (outubro de 1997).

ⁱⁱⁱ Extraído de Isaacman e Peterson (2003, p. 269), de uma entrevista com Conrado Msusa Boroma (julho de 1968).

^{iv} Traduzido do inglês: “was based on a substantial number of cognates introduced by slaves from the north together with Chi-Sena, Chi-Tonga, and Chi-Tawara terms borrowed from the peasants living on the *prazos*.”

^v Kanyemba recebeu esse nome em homenagem a José Rosário de Andrade, um grande dono de prazos e senhor de guerra que era conhecido como Kanyemba (“o feroz”). Assistido por um numeroso exército de soldados Chikunda na década de 1870, Kanyemba estabeleceu-se na região de Bawa, Moçambique, de onde comercializava ou atacava as áreas rurais vizinhas. Andrade morreu no final do século XIX e seus descendentes mantiveram a chefia da aldeia até hoje. Ver Isaacman e Peterson (2003) para mais detalhes.

^{vi} O fraseamento fonológico refere-se à organização dos sons da fala em frases fonológicas, que são unidades prosódicas intermediárias entre a palavra e a sentença. Nas línguas bantu, o fraseamento fonológico é crucial para entender padrões tonais e processos fonológicos como alongamento vocálico e assimilação (ODDEN, 1987; 1988).

^{vii} Ver Guillaume e Koch (2021) e as referências nele contidas para aprofundar a noção de movimento associado, e particularmente o capítulo por Guérois *et al.* (2021) dedicado às línguas bantu.